

Entrevista dada pelo professor Gilberto André Borges para Leonardo Peifer, da revista Música e Educação no mês de outubro de 2011. A revista pode ser baixada na íntegra no site <www.musicaeeducacao.com.br>.

- Gilberto, quais atividades profissionais você atualmente desenvolve? Qual sua formação? Onde leciona?

Sou membro efetivo no quadro do magistério na Secretaria Municipal de Florianópolis, lecionando já há dez anos. Neste tempo, dei aulas de música dentro da disciplina de Artes por muitos anos, desenvolvendo um trabalho focado, principalmente no coral infantil e na percussão. Como gosto de trabalhar com tecnologia e softwares livres para áudio e *midi*, me arrisquei na seara do vídeo, produzindo uma série de desenhos animados no ano passado, que podem ser visualizados no meu canal no *Youtube* <<http://www.youtube.com/user/gilblack1234>>. Há alguns anos atrás, produzi um CD com canções de natal para a Prefeitura Municipal de Florianópolis, que pode ser baixado no endereço <<http://www.musicaeeducacao.mus.br/index.php?q=node/157>>. Além deste, também fiz mais dois discos com estudantes que não podem ser divulgados na rede por envolver canções que não são de domínio público. Estes outros dois discos foram produzidos com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na própria escola, juntando algum material meu, como microfones profissionais e placa de som profissional e outros materiais que existiam na escola, como instrumentos e computadores. Então, dentro do Ensino Fundamental, além de trabalhar com os anos finais, já lecionei para a modalidade Educação de Jovens e Adultos e fui regente do Coral de Professores e Professoras da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Também fui assessor da Secretaria Municipal de Educação por três anos, entre 2006 e 2008. Atualmente, estou diretor da Escola Básica Municipal Mâncio Costa, cargo que devo exercer por, pelo menos, três anos.

Além da escola, atuo como músico, tendo participado em diversos grupos em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. No momento, estou gravando e produzindo um disco com o grupo Casa da Ginga, onde uma prévia do disco pode ser ouvida no endereço <<http://palcomp3.com/casadaginga/>>.

Sou participante do projeto MUSIX, dentro do qual, além de haver liberado uma das versões do MUSIX Internacional, remasterizei uma versão tupiniquim do sistema: o MUSIX-BR, o qual pode ser acessado no endereço <<http://musix.codigolivres.org.br/>>. O MUSIX-BR 2.0 Adriane foi feito quase que exclusivamente por mim. Infelizmente, a participação e o engajamento dos músicos em geral no desenvolvimento de software livre para a área é pequena. Anos e anos de software

proprietário acostumaram as pessoas a receberem programas prontos, quando na verdade, programação de computadores é uma tarefa simples que pode ser feita por qualquer pessoa. Há uma ideia difundida de que programação é uma atividade para gênios e que exige alto grau de complexidade. Esta é uma ideia falsa propagada pela indústria do software e o software livre está aí para provar justamente o contrário. Durante o desenvolvimento e teste do MUSIX e do MUSIX-BR, produzi um disco denominado *Trilha Sonora Para Uma Passeata*, mesclando instrumentos virtuais e reais numa proposta que se aproxima da música eletroacústica e da experimentação livre. O disco é um estudo das ferramentas livres de gravação e pode ser acessado e ouvido no endereço <<http://palcomp3.com/gilblack/>>.

Também mantenho por minha conta um blog que, desde 2005 já recebeu mais de quatrocentos mil acessos. Trata-se do *música e Educação* <<http://www.musicaeducacao.mus.br>>. Publiquei ali diversos artigos, partituras (as melhores não estão ali por que tenho muitas partituras para registrar ainda), materiais para músicos, minhas experiências com gravação e monografias e textos mais densos. Talvez alguém ache incoerente liberar algo com *copyleft* e estar preocupado com o registro de obras. A questão do direito autoral constitui um dos grandes desafios e, talvez, um dos maiores espaços de disputa política na atualidade. O fato de um texto ou música ter uma licença aberta, não exime a obra de obter registro. Eu costumo registrar as obras para depois liberá-las com *Creative Commons*.

No tocante a minha formação, sou Licenciado Pleno em Educação Artística com Habilitação em música pela UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina, curso que concluí em 2003. Fiz o mestrado na mesma universidade, recebendo o título de Mestre em música em 2010.

- Você possui uma atuação na internet bastante diversificada. Compõe, disponibiliza artigos, softwares livres para edição de áudio mantidos no site "música e Educação" (se existirem outras iniciativas na internet, pode citar e nos enviar os links). Desde quando atua na internet e qual a necessidade que o moveu a criar um espaço digital para compartilhar informações relevantes sobre o ensino de música?

Bem. Apesar de já ser quase quarentão, pertenço à geração digital. Joguei muito vídeo game nos anos oitenta e aprendi programação ainda naquela época. Cresci em contato com a tecnologia digital desde o ATARI, ZX Spectrum (credo, como estou velho!!!), 286, 386, BASIC, C, e por aí vai... Muitos anos depois, por volta de 2004, ao descobrir o sistema Linux, percebi duas coisas: a primeira constatação foi a de que a programação em C, que eu havia aprendido nos anos oitenta

ainda era utilizada; e a segunda, de que havia um universo a ser construído no tocante à produção musical e software e sistemas livres. Desde então, me dediquei a esta labuta. Já havia tido experiências com o UNIX e utilizar o Linux foi algo tranquilo e natural. O MUSIX e o MUSIX-BR são fruto disto. Por volta de 2005 conheci o Marcos Guglielmetti pela rede mundial de computadores e passamos a dividir a tarefa de remasterizar a primeira versão do MUSIX. Depois disto, a história é conhecida: o MUSIX hoje é uma referência em termos de software livre e música e o MUSIX-BR cumpre um papel importante no Brasil. O projeto precisa, atualmente, de apoiadores, programadores ou não. Quanto a percepção de que era necessário haver um espaço para a divulgação de informações sobre música, ela surgiu ainda no curso de graduação. Como sabia programar e conhecia HTML, resolvi criar um site, na época estático para divulgar informações. Hoje o música e Educação é um site dinâmico, em PHP, montado com o sistema Drupal.

- Em que aspectos a internet amplia suas possibilidades profissionais? Sua atuação como professor é provavelmente diferente daquela na internet. Como elas se relacionam?

- Quem é o público do seu site? São apenas professores de Ensino musical? Quais são as principais demandas dos seus visitantes?

A rede mundial de computadores é apenas o suporte para um universo virtual. O filósofo francês Pierre Lévy denomina este universo virtual de ciberespaço e a cultura que circula nele de cibercultura. Diversos estudiosos da relação entre Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e educação são unânimes em apontar que o grande aporte que a rede mundial de computadores traz a esta área refere-se a ampliação e redefinição dos limites do espaço e do tempo escolar. Atividades podem ser feitas vencendo distâncias e em qualquer horário, de forma síncrona ou assíncrona. O virtual não se opõe ao real. Nas palavras de Lévy, o virtual é o real em potência. O mundo virtual é um mundo de possibilidades, de interação, de pesquisa, de difusão de conhecimento, informações, ideias, sentimentos, e tudo o mais que puder englobar a subjetividade e a objetividade humana.

Uma das características da chamada sociedade da informação refere-se ao fato de que a informação, de material escasso e restrito nos séculos anteriores, passa a ser abundante e de fácil acesso. Esta é uma característica importante e que transformou todos os aspectos da vida cotidiana, englobando tudo, desde a economia até a educação. As pessoas podem não apenas acessar, mas também partilhar informação. Qualquer processo de ensino e aprendizagem deve considerar esta realidade. Ser fruidor e produtor de informação são dois aspectos da mesma atividade: a de se relacionar com a informação, produzindo conhecimento para si e partilhando este conhecimento com outras pessoas, em qualquer lugar do mundo e em qualquer tempo.

O público da música e Educação é composto na sua maior parte por estudantes de música em qualquer nível, desde o estudante iniciante de instrumento ou canto até o estudante de graduação e professores de música e de outras disciplinas. A maior demanda é de textos e de materiais diversos como arquivos *midi* e partituras. Alguns textos disponibilizados já estão bastante difundidos, como a minha dissertação de mestrado e a minha monografia de graduação. Além destes, os ensaios *Discutindo Fundamentos da Educação musical* e *Trajetória da Educação no Brasil* são bastante acessados. Estes dois foram frutos de disciplinas de mestrado, sendo o primeiro de uma disciplina do mestrado em música lecionada pelo Dr. Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo, em 2008, e o outro, de uma disciplina que cursei em 2005 no extinto mestrado em Educação e Cultura da UDESC.

Além destes textos citados, uma análise que fiz do Choro Nr.1 de Villa-Lobos foi indicada na Wikipédia em língua inglesa, na lista de obras deste compositor, como pode ser visualizado no endereço http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_compositions_by_Heitor_Villa-Lobos. Fiquei surpreso pela visita obtida neste conteúdo da Wikipédia e pela circulação e dimensão que deu ao meu trabalho. Este resultado demonstra que havia uma demanda muito grande para informações sobre Educação musical.

- **Como a profissão de educador musical está sendo impactada pelas ferramentas que a internet propicia? A formação do profissional já contempla o uso dessas tecnologias?**
- **Sua dissertação de mestrado versava exatamente sobre o uso da tecnologia da informação e comunicação na formação de professores de música. Poderia descrever brevemente a pesquisa, qual a metodologia utilizada e as principais descobertas?**

Vamos lá. Vamos iniciar pela metáfora do impacto que você utilizou na pergunta. O próprio Pierre Lévy questiona esta metáfora. De acordo com ela, as tecnologias seriam algo exterior à sociedade, direcionadas para ela como um projétil. Este autor demonstra que a tecnologia é fruto da sociedade. Utilizando-me de uma expressão mais próxima da sociologia, a tecnologia é socialmente construída e como tal, não pode impactar a sociedade como se fosse externa. Ela é produto desta mesma sociedade. Desta forma, o desenvolvimento tecnológico foi um fator determinante na mudança de paradigmas que estamos vivendo desde a segunda metade do século XX e trouxe implicações em todas as áreas: na economia, na medicina, na educação, entre outras. Fazer e ensinar música se enquadra neste contexto. É impensável produzir, fruir ou ensinar música atualmente sem considerar os recursos e as possibilidades advindas do avanço tecnológico recente. É possível fazê-lo, mas, para quê? As mudanças na educação musical iniciam nas transformações que a própria música vem

sofrendo. Hoje, com o advento da rede mundial de computadores e do avanço tecnológico, qualquer pessoa pode dispor de meios para compor, gravar, produzir e difundir música. Isto era impensável a pouco mais de uma década. Esta possibilidade alterou profundamente o cenário profissional de música, por exemplo. Grandes gravadoras passaram a perder terreno para pequenos produtores, com custos menores e mais agilidade na produção e divulgação de seus catálogos. Autores passaram a liberar suas obras publicamente e sem o intermédio dos grandes selos, utilizando, inclusive, licenças livres. Isto é uma mudança fantástica! Nunca dispomos, na história da humanidade, de tanta informação disponível. Este quadro é irreversível. Acredito que pouco adiantará o recrudescimento de leis de proteção aos direitos autorais, porque a própria ideia de direito autoral pertence à outra época. O direito autoral é uma ideia burguesa calcada na figura do gênio, tão em voga no século XIX. Hoje, o gênio dá lugar ao coletivo, ao grupal. Compartilhar é necessário. As grandes gravadoras estão na contramão da história e da cultura.

O ensino de música, ao situar-se nestas mudanças, terá que se reinventar metodologicamente, incorporando as tecnologias existentes para a produção e ensino de música e o uso social feito destas tecnologias. Fica o exemplo do celular e dos tocadores de arquivos de áudio: podem ser um problema na escola ou uma ferramenta para o professor de música utilizar na composição musical, no registro de ideias musicais, entre outras possibilidades. Isto evidencia um dos resultados da minha pesquisa de mestrado: o licenciando está sendo capacitado para utilizar as tecnologias no fazer musical – sobretudo, as tecnologias proprietárias, em detrimento das ferramentas livres -, mas pouco se discute o emprego pedagógico destas ferramentas. A ideia de colaborar divulgando resultados na rede mundial de computadores, participar do desenvolvimento de ferramentas para música e ensino de música, participar de comunidades, fóruns e blogs sobre música ainda parece distante. Há uma apropriação da tecnologia, mas é preciso reflexão sobre as suas implicações. As ferramentas livres pouco são abordadas, até mesmo são ignoradas na universidade. Isto é um contra-senso porque o desenvolvimento de soluções tecnológicas livres para o ensino de música deveria estar presente nos cursos de licenciatura. O contrário disto significa delegar para empresas privadas e seus programadores o poder sobre o currículo que será ensinado nos cursos de música, tanto nas universidades quanto nas escolas de educação básica. A utilização dos softwares proprietários mais comuns nos cursos de licenciatura, como *Finale* e *Cubase*, entre outros, denota uma postura relacionada às práticas pedagógicas tradicionais, onde o que está socialmente estabelecido, o *status quo*, pouco ou nada é questionado.

Estes são alguns apontamentos que derivam da minha pesquisa de mestrado. Realizei esta pesquisa nos anos de 2008 e 2009 em três universidades do Estado de Santa Catarina que oferecem curso de

graduação, na modalidade licenciatura, em música. Para chegar a estes resultados, fiz um estudo piloto com alunos do último anos destes três cursos escolhidos, monitorei um grupo virtual de discussão, realizei entrevistas com professores das disciplinas relacionadas à tecnologia presentes no currículo destes cursos e analisei documentos de cada curso. Além destes resultados, também foi possível categorizar as disciplinas relacionadas às Tecnologias da Informação e Comunicação, dando um aporte para estudos futuros nesta área, englobando as TIC e currículo.

- Você diz em sua dissertação que cabe à área da Educação musical problematizar o uso das tecnologias no ensino musical. Quais são as ressalvas já conhecidas desse uso e até onde a tecnologia pode entrar em sala de aula? É possível aprender música a distância, por exemplo?

Sim. A questão da problematização vem de encontro ao exemplo que dei anteriormente, sobre o celular e os aparelhos de mp3. Podem constituir um problema para a escola ou servir como ferramenta. Na sociedade da informação, mudanças ocorrem de forma muito acelerada. Um tipo de equipamento fica obsoleto muito rapidamente. Como exemplo, podemos citar os chamados computadores de mesa (*desktop*). O governo federal investiu, por meio do PROINFO, muito dinheiro para a montagem de salas equipadas com computadores de mesa. Hoje, o poder de processamento de muitos destes equipamentos é superado de longe por um tablet. Então, a questão central do ensino de música não pode ser aprender a usar um equipamento ou um software específico. O ponto central deve ser relativo à absorção de conceitos gerais que sejam aplicáveis a diversas tecnologias. Como exemplo, podemos citar a edição de áudio. Não dá para a universidade permanecer na ideia de ensinar a usar o *Cubase*, por exemplo, mas sim difundir os conceitos gerais relacionados a manipulação de áudio, efeitos, *midi*, entre outros. Estes conceitos poderão ser aplicados em qualquer *software* ou tecnologia digital de manipulação de áudio, pois os princípios e técnicas de digitalização do som já estão consolidados. Isto também vale para o protocolo *midi*. Além disso, é papel dos cursos de Licenciatura em música preparar o futuro professor para saber aplicar pedagogicamente estes recursos. A finalidade do curso de licenciatura não é a de formar o músico, embora uma forte base musical seja requisitada ao professor. O curso de licenciatura deve preparar o egresso para saber aplicar estas tecnologias no trabalho com o aluno. O professor precisa estar munido de bagagem teórica e prática para empregar didaticamente estes recursos. Além disso, ele precisa compreender as mudanças na sociedade que a tecnologia trouxe no seu bojo. Para utilizar a internet com eficiência no ensino, tem que saber pesquisar, saber utilizar redes sociais, ferramentas de comunicação diversificadas como o *e-mail*, o *blog*, a lista de discussões, entre outros, para e com os alunos. Isto precisa ser discutido durante o curso. As diversas habilidades necessárias à apropriação da cibercultura e do ciberespaço precisam ser desenvolvidas. Além disso,

os cursos de licenciatura em música precisam estar atualizados tecnologicamente e dispor de materiais para todos os alunos. Quando faltam recursos materiais ou humanos, acentuamos as diferenças entre as pessoas. No tocante à presença das tecnologias nos cursos de graduação, esta premissa é verdadeira. Se faltam computadores para todos e os alunos precisam levar seu próprio *laptop* para a sala de aula, situação que encontrei em mais de uma das universidades que visitei, então aquele que possui *laptop* terá uma vantagem na sua formação que outros que não dispõem deste equipamento não possuem. Então, aquele aluno que possui maior capital cultural e poder econômico terá vantagem sobre os demais. Cabe às instituições de ensino superior buscar o nivelamento dos alunos, ou então, reproduzimos desigualdades, apenas.

É claro que é possível aprender música à distância. Vamos partir de um exemplo simples e banal: quantas pessoas aprendem um *riff* de guitarra ou um fraseado de contrabaixo ou teclado pesquisando tablaturas, partituras ou vídeos na rede mundial de computadores? Isto não é aprendizagem musical a distância? É claro que sim. Eu acredito que é perfeitamente possível aprender música a distância. Agora, se vamos discutir a aprendizagem musical em nível de graduação nesta modalidade, é preciso olhar para as experiências exitosas nesta área como a do programa Pró-Licenciatura do MEC. Este programa tem formado professores de música totalmente a distância. Por outro lado, também é válido lembrar que algumas disciplinas dos cursos presenciais poderiam tranquilamente incorporar ferramentas do EAD ou, até mesmo, ser oferecidas nesta modalidade. Os chamados Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) possuem recursos interessantes para qualquer curso. Porque uma disciplina presencial não pode utilizar-se de um AVA para complementar a aprendizagem? Além do mais, muitos dos professores que serão formados em cursos presenciais poderão trabalhar em cursos na modalidade EAD e vice-versa. A problematização da EAD deve fazer parte do currículo das licenciaturas.

- O uso das tecnologias na formação docente é uma demanda que vem dos estudantes, dos próprios formandos ou uma pressão de mercado?

Estamos vivendo um momento de grandes mudanças na sociedade e isto não deixa ninguém de fora. Os cursos de licenciatura no Brasil, infelizmente, pelo que vivenciei como estudante de graduação e pelo que apurei nos cursos em que pesquisei, estão a reboque nestas mudanças. Digo infelizmente, porque estamos desperdiçando uma oportunidade única de tomar as rédeas deste processo. Quando uma nova tecnologia surge, ela nivela a todos no seu uso. Quem estiver a frente nas inovações impõe seus interesses. Vejam o exemplo da *Microsoft* e da *Apple*: o software privativo, bem como a indústria do vírus de computador são uma invenção do mercado e, cada uma destas empresas, se

adiantou em uma área e impuseram seus padrões. É ridículo temer vírus de computador quando sabemos que é perfeitamente possível existir sistemas operacionais imunes a eles, como é o caso do Linux. O mesmo está ocorrendo com as tecnologias para a música e para o ensino de música. A universidade, neste momento, deveria estar disponibilizando e desenvolvendo plataformas livres para o ensino e para a produção musical, mas permanecem, em geral, cumprindo um papel caudatário neste processo, incorporando como natural a utilização de plataformas proprietárias e tudo o que elas representam: o cerceamento das liberdades individuais, a busca pelo lucro, a separação entre usuário de computadores e desenvolvedores, entre outras. Esta separação entre usuário e desenvolvedor ilustra bem este fato: muitas vezes testamos versões beta de programas e, estas, são versões de teste. O teste do software é parte do ciclo de produção de programas de computador. As pessoas são usadas pela indústria do software e nem sabem disto. Se ocorrer um problema em seu computador no uso de uma versão beta, a empresa que desenvolve estes programas não se responsabilizará. Por outro lado, usuários pouco podem sugerir no desenvolvimento destes sistemas e pagam caro por eles. Isto é exatamente o oposto do que é defendido pelo movimento Software Livre, o qual preconiza a transparência, a participação na construção coletiva de aplicações que sirvam da melhor forma possível a todos. Acredito que é neste frente que os cursos de licenciatura em música deveriam estar atuando. Inclusive, o próprio Ministério da Educação, por meio do PROINFO, disponibiliza computadores para as escolas, no Brasil, equipados com softwares livres. Porque os cursos de graduação em música caminharão na contramão do que é utilizado na escola onde os egressos irão atuar? De que adianta o professor passar 4 ou 5 anos no curso de licenciatura aprendendo a utilizar programas proprietários se, no momento em que for atuar no campo real de trabalho, estes programas não estarão disponíveis, mas sim os softwares livres?

- Como professor já teve experiências bem sucedidas com o uso de tecnologia - em especial, a internet - no ensino? Como foi?

Já relatei algumas experiências, como a produção de desenhos animados e gravações de áudio com os alunos. No tempo em que era regente do Coral do EJA / Ingleses, produzimos um disco com duas faixas. Neste processo, os alunos participaram de forma ativa e deram o melhor de si. O disco ficou bom e o envolvimento e entusiasmo do coro validou o trabalho realizado. Todos ficaram muito satisfeitos ao receber uma cópia do disco no final do ano. Além disso, a experiência contou ainda com uma visita a um estúdio profissional de gravação e possibilitou uma discussão sobre a própria indústria cultural. Produzimos as capas e gravamos todas as cópias na escola. O resultado foi bastante satisfatório. A experiência de ouvir sua própria voz gravada é interessante em qualquer

faixa etária.

A produção dos desenhos animados no ano de 2010 também foi uma experiência interessante. Cada filme de 30 segundos de duração, levou quatro meses para ficar pronto. Fizemos todas as etapas, desde o planejamento do filme, o roteiro, a confecção dos cenários, dos personagens, a fotografia, a montagem e, claro, a trilha sonora. Foi um projeto de trabalho realizado sem pressa, de modo que pudemos, professor e alunos, adentrar e viajar nas diversas etapas. Isto envolveu muita aprendizagem: música, fotografia, discussões sobre mídia, cinema, a produção visual dos desenhos, entre outras.

Já produzi *website* com os alunos, pena que, na época foram hospedados em serviços gratuitos e hoje não estão mais acessíveis. A produção do *website* foi a socialização de uma espécie de portfólio digital. Os alunos pesquisaram sobre temas de seu interesse e, no final do trimestre, a avaliação consistia em postar os textos, as fotos e os arquivos de som que coletaram na rede. Sempre utilizo a internet como fonte de pesquisa.